

EM VISTA DA GREVE FERROVIÁRIA

A incapacidade dum ministro

O lugar que tenho ocupado na vanguarda da classe ferroviária, dá-me o direito de opor, neste momento, uma formal contestação a quanto por ai se diz e afirma a propósito do recente movimento grevista dos ferroviários do Estado, movimento terminado em condições verdadeiramente excepcionais, embora incomprensido para uma boa parte da classe operária organizada, sem excluir os próprios ferroviários, que em grande parte se não aperceberam ainda do alto significado que o seu gesto teve.

Talvez por essa razão, como pelos motivos que inspiram a classe burguesa contra a classe operária, eu temo sido alvo permanente dos ataques dirigidos contra os ferroviários, especialmente pela estabilidade e desenvolvimento que a sua organização tem atingido, nestes últimos anos.

De tudo tem lançado mão, para conseguirem o seu aniquilamento moral, perante a impossibilidade, com que sempre esbarraram, em obterem uma modificação na minha maneira de pensar e agir.

E agora, que uma prolongada greve nos Caminhos de Ferro terminou, deixando nas mãos dos governantes todas as probabilidades para uma revanche dos precedentes, procura-se a outrance conseguir esse aniquilamento, lançando sobre os ferroviários acusações, cuja responsabilidade me é atribuída e aos valorosos camaradas que, como eu, queriam cumprir o seu dever. Como consequência dessas acusações, efectiva-se a demissão de algumas dezenas de ferroviários, afirmando-se outros para as prisões, sem uma justificação, sem um motivo devidamente fundamentado.

Julgando insuficientes estes elementos de ataque, procuram os inimigos da classe ferroviária revolver o meu passado de empregado dos Caminhos de Ferro, do Sul e Sueste, afim de tirar dele uma ilação arrazadora, que de vez me liquefaria moralmente, perante os ferroviários e a própria classe operária.

Há quase três meses que essa luta dura, sem que até hoje tenham conseguido o que visam.

E' porque, acima de tudo e sobretudo, eles tem esbarrado com o meu carácter, com a firmeza das minhas convicções, não podendo os seus traqueiros ataques saltar essa barreira.

Indiferente me tenho mantido, não deixando porém de arquivar, no âmago da minha alma, quanto em volta do meu nome se tem produzido, para na devida oportunidade chamar à responsabilidade, em todos os campos, aqueles que, sendo impotentes para me fazerem curvar, pretendem contudo obter a minha liquidação moral.

E' chegado um dos momentos em que me seria permitida a desafronta e, consequentemente, o ajuste de conta com esses cavaleiros, que ocupam no país situações elevadas, desde as cadeias do poder às direções e conselhos de administração pública.

Entendo, porém, que não o devo apro-

veitar, porque a minha actividade deve, preferencialmente, continuar a manifestar-se, contra elas é certo, mas em defesa dum classe infamamente explorada, que necessita de prosseguir numa luta tenaz e sem trégua, em prof dos seus direitos, que por esta vez não foram respeitados, como o deviam ser.

Assim, eu vou bordar algumas considerações sobre a greve dos ferroviários do Estado, não tendo com elas a pretensão de fazer diminuir as responsabilidades que me possam ser imputadas ou ao Comité que dirige o movimento.

Depois, ficarão as acusações que pessoalmente me tem sido dirigidas, acusações que já foram ao ponto de serem perfuradas pelo beatífico director da *Época*, em editorial.

Não irei também fazer a história da greve, neste lugar, pois que o relatório do Comité Central dos Ferroviários do Estado fala há circunstância e largamente documentada. Tam somente contestarei as afirmações gratuitas e pouco correctas que em pleno parlamento o sr. Velhinho Correia, ex-ministro do comércio do gabinete Granjo, fez, como as que teimam sido produzidas pelo actual titular daquela pasta, o sr. António da Fonseca, afirmações tendentes a demonstrar o fracasso da greve, a não razão da sua declaração e os nobres sentimentos dos dirigentes republicanos.

* * *

Circunstâncias resultantes da direcção do próprio movimento ferroviário, impediram que, a quinze dias de greve, uma carta que escrevi ao sr. Velhinho Correia, pudesse ter-lhe chegado à mãos.

Não pretendo reproduzir aqui essa carta, mas fago-lhe referência, porque ela continha largas afirmações feitas com a certeza própria de quem se julga a posse dumha consciência, afirmava que decretou modo temeraria ocasião excepcional oportunidade, como resposta às declarações que o sr. Velhinho Correia fez na câmara dos deputados.

A sua incompetência perante as questões ferroviárias, a sua falta de energia perante as exigências dos membros do conselho de administração e, sobretudo, a sua subalternidade subversiva perante o sr. António Granjo, eram na referida carta citadas como causas que motivaram a atitude que aquele senhor tomou perante a greve ferroviária, atitude que lhe fez perder a qualidade ministerial para o reduzir à pouca honra situação de manequim, movido por quantos tinham necessidade de satisfazer odios e ambições, com a liquidação da greve ferroviária.

A atitude do sr. Velhinho Correia foi quanto há de mais desagradável, como ministro, não o sendo menos como deputado, pretendendo esgrimir contra os ferroviários, quando nem fôrça moral para tanto, para reproduzir a façanha de D. Quixote, esgrimindo contra os inconfessáveis moinhos.

E' o que contestaremos no artigo seguinte.

Ferroviários do Sul e Sueste

Nota oficial

Tenta-se veladamente dar o golpe de morte na organização dos ferroviários do Estado, provocando a desmoronização, seguida na confusão nos despotas e vocadores da classe ferroviária, que vão surgir como seus salvadores.

Não conseguiram, porém, alinhar os seus fins, porque a isso se opõe a consciência da classe ferroviária que, felizmente, é a maioria.

Seria a última das cobardias se tal fosse conseguido pelos alzogos de ontem, pelos que só aspiravam o aniquilamento completo dos ferroviários.

Contra as classes que se estão a exercutar se devem acautelar todos ferroviários, de modo a evitar qualquer surpresa, pois que nenhum deles tem a menor consciência de moral para se impôr ao pessoal como seu protector e muito menos como seu carasco.

Continuam as transferências do pessoal de movimento, sem motivo justificado, pretendendo desviar do Barreiro uma parte dos ferroviários considerados elementos de valor, com o fim de deixar desmoronada a classe.

As demissões aumentam, sendo lancados a rios os honestos e os que temem caírem para a facem os gatunos e os que temem vivido nos Caminhos de Ferro nascendo e trairando com tudo e com todos.

A seu tempo será este facto provado. Para a ria veem os que alguma garantia poderiam dar da liberdade e de segurança que se resguarda nos Caminhos de Ferro os monarcas e os que, sempre procederam subversivamente, rastrejando em volta dos homens que agora são lançados às feras.

Desconhecer isto o sr. ministro do comércio?

Essa situação será fatalmente aclarada por quem tem em vista a dignidade do Poder, já que hoje tudo se curva as implicações de Raúl Esteves e do conselho de administração.

Como justifica o sr. ministro do comércio o facto de estarem admitidos nos Caminhos de Ferro os caminhos dos ferroviários presos em São Paulo, não se lhes concedendo a liberdade simplesmente porque isso apraz a Raúl Esteves?

Vai a Comissão Pró-Presos Ferroviários entregar a um advogado a defesa dos ferroviários atingidos pelos rigores do código penal, que perdeu uma carteira com cerca de 4200 e vários documentos de importâncias, desde o Alto Pina à ruas Alexandre Herculano, local onde trabalha.

Por este camaráda a quem quer que a tivesse pedido, é de dar-lhe a entender que o menos que os documentos a respeito da sua defesa é para a redacção deste jornal,

Não Minho e Douro também as demissões vão atingindo proporções fantásticas, não só porque causa alguma, satisfazendo-se simplesmente os ódios e rancores dos chefes de serviço e de quantos tem interesse em sacrificar os ferroviários.

No Minho e Douro também as demissões são declarada, porque todos os elementos foram fornecidos ao governo, que os desprezou, para só atender às informações tendenciosas dos membros do conselho de administração.

Por consequência, se alguém deturpa as intenções do sr. Velhinho Correia, como ele declarou no parlamento, é que alguém foi o sr. António Granjo e o conselho, em cuja mão foi um joguetudo contra os ferroviários.

Que foi inopportun, que tinha fins reservados - disse ainda o sr. Velhinho Correia - referindo-se à greve ferroviária.

E' o que contestaremos no artigo seguinte.

Miguel CORREA

Se assim não fosse, não teria a greve
